

Discurso em vídeo

<https://www.youtube.com/watch?v=qRsSLmGdgUs>

PÁGINAS LITERÁRIAS:**Blog:**

<http://silolirico.blogspot.com.br>

Fanpage:

<https://www.facebook.com/silolirico.com.br>

Portal - Site:

<https://sites.google.com/view/silolirico/página-inicial>

Plataforma Amazon:

https://www.amazon.com.br/s?k=laerte+tavares&i=digital-text&ref=nb_sb_noss

YouTube

<https://www.youtube.com/channel/UCg9WmxqbT-PZOENVxEw9-w>

DISCURSO DE POSSE:

Senhor Presidente da Academia Catarinense de Letras, Pinheiro Neto;

Autoridades já nominadas, à mesa;

Demais autoridades;

Acadêmicos;

Senhoras e senhores.

Agradeço a todos que, com suas presenças, abrilhantam as festividades desta noite, engalanam a solenidade da sessão, honram e prestigiam a Academia Catarinense de Letras, Acadêmicos e a mim, que hoje tomo posse na Cadeira 16 desta Associação Literária.

Reverencio e rezo às memórias daqueles que, chamados por Deus, não mais se encontram em nosso convívio, a exemplo de minha cunhada Maria Terezinha Tavares, que partiu no último sábado, treze de outubro, porém dos céus não de comungar conosco esta cerimônia.

Sou grato àqueles que, não podendo comparecer, fazem-se presentes em nossos sentimentos de partilha, solidariedade e afeto, como muitos de meus amigos fraternos, pescadores

artesanais e familiares, os intrépidos homens do mar da Armação do Itapocoróy, nosso berço e pequenina pátria, que gostariam de aqui estar.

Agradeço ao acadêmico Salomão Ribas Junior, pródigo em suas palavras veementes, afetivas e generosas na saudação que me fez, em uma elocução vibrante de mestre orador, como sempre foi.

Empenho minha gratidão aos nobres acadêmicos por sufragar, já em primeiro escrutínio, o meu nome na eleição que me referendou, entre outros escritores de inequívocos valores, à Cadeira 16, bastante concorrida pela sua relevância intrínseca. Cinco aspirantes à vaga, inicialmente, se inscreveram; alguns já titulares de outras academias, como escritores consagrados. Dentre tantos, Edla van Steen, esposa do crítico de teatro, já falecido, Sábado Magaldi. Uma artista com incursões no teatro, cinema, crítica literária e, como escritora, possuindo várias obras publicadas no Brasil e nos Estados Unidos. Infelizmente, não quis Deus que sua candidatura chegasse até a realização da votação final na Academia, ocorrida um ano após inscrições. Tempo para análises de nossas obras, quando apresentei sete livros de minha lavra. Interregno, em que recebemos a infausta notícia do falecimento de Edla. Notícia que nos entristeceu, tanto pela perda da grande catarinense, quanto pela ausência do seu nome na disputa salutar referida, democrática e fraterna, que perderia parte da luminosidade sem a participação de Edla. Morreu a escritora, mas a sua obra permanece, o que, por certo, a imortalizará. E aqui rendo homenagem à escritora e a sua obra!

Edla van Steen, a tua arte / Bem como a tua memória / Entrarão para a história
Desta Academia, à parte! / *In memoriam*, a homenagear-te, / Um preito de gratidão
Por tuas obras que são / Um marco à literatura, / E ele, em data futura, Tua imortalização!

Tenho a crença de que imortal é a obra que, julgada perene, imortalizará o seu autor. E só o tempo é o juiz supremo para bater o malhete sentenciando a imortalidade da obra e do escritor. Eis porque nunca se ouviu falar no finado Camões, e sim: Camões, imortalizado pela sua bela, gigantesca e perene obra.

E esta é a vida, uma senoide que oscila em altos e baixos até à finitude da sua frequência de ondas.

Confesso que estou orgulhoso por meu ingresso chancelado pela maioria dos acadêmicos, neste Egrégio Sodalício e quero partilhar esta alegria com vocês, amigos, família, parentes e, principalmente, com minha esposa Sandra Maria, que, por gostar dos meus textos, revisou

manuscritos e materiais dispersos que, os digitalizando, incentivou-me, assim, a entrar no mercado editorial, até então sem interesse para mim. É ela, meu sustentáculo indispensável. Sou-lhe grato!

Divido esta alegria também e, especialmente, com meu irmão Antônio, sendo nós dois os últimos sobreviventes de uma família representada por seis irmãos. É ele, um oitentão que, entristecido e abalado pela perda de sua venerável esposa, há menos de uma semana, venceu a dor e se faz presente a esta reunião, trazendo-me o coração de irmão e companheiro, mesmo que dilacerado pelo sofrimento. Antônio é um velho e bravo soldado, forjado como um forte na têmpera da disciplina do Exército Brasileiro, com longos anos de serviços prestados à Pátria, terminados em Batalhão de Selva, onde o grito de guerra era SELVA, mas hoje o seu grito de guerra é PAZ. Sob seu comando, trouxe-nos ainda, uma plêiade de parentes e amigos, cujas presenças honram-me pela deferência e sobremaneira. A todos, a minha gratidão! Eu te declaro, meu irmão, herói na paz e condecoro teu velho peito cansado de guerras, com a sacrossanta medalha de honra ao mérito da luz e do amor!

Hoje, nesta solene sessão de posse, coroam-se os esforços de minha esposa e os meus, dedicados à literatura, sendo um dia de júbilo! Sinto que a própria natureza conspira ao brilhantismo desta noite festiva, noite de primavera festival, tempo de chuva como bálsamo e de sol como um sorriso soberano à vida. Estação das flores, das aves, dos perfumes, das térmicas ternuras que fazem renascer no coração humano, lembranças do verão, dando-lhe ao calor afetivo, mais amor. E esta primavera parece haver trazido o auriverde de nossa bandeira. A cor áurea do ipê cultivado colore o céu na ramagem altiva do arbusto sobranceiro que tinge a terra ao seu pé, alcatifada com o amarelo-ouro das flores fenecidas. Vicejam cores verdes por seus arredores. Estabelecem-se o verde, amarelo, azul e branco com o céu anil de alvas nuvens cirrosas. Até o sabiá de peito amarelo, o infla de garbo e gorjeia seu mavioso hino primaveril, de glória ao Universo e à pátria da fauna e da flora exuberantes. Esta estação nos traz, renovada, a atmosfera mais límpida, luminosa e sorridente como um manto diáfano de alegria, encantamento e paz.

Há um céu pleno de estrelas e de luz, / Em que olho ao meu céu interior / A ver se eu – vulgar versejador, / A todo esse estrelismo faço jus / Na evidência vã, onde me pus. / O sentimento diz que não condiz / Com o meu ser. Mas a alma do aprendiz / Diz que eu me fiz ser da literatura / E em seu arauto ela me transfigura, / Por isso eu faço jus! E estou feliz!

Sinto-me feliz e honrado, também, e creio que todos se sentem da mesma forma, por estarmos sob o teto desta centenária edificação, construída como sede acadêmica, e nela estabelecido o primeiro instituto politécnico de Santa Catarina, idealizado por José Artur Boiteux, catarinense que lutou pela criação do curso superior em nosso Estado, efetivando-o com a faculdade de direito, bem como lutou pela fundação desta sociedade literária, após tentativas sem êxito de Otto da Gama Lobo D'Éça. Tendo sido este núcleo acadêmico criado ao modelo da Academia Brasileira de Letras, por sua vez talhada aos moldes da Academia Francesa de Letras, nossa arcádia discrepava delas e de outras, por representar uma das primeiras academias, à época, a facultar o ingresso de mulheres em seus quadros onde, logo após sua fundação, tomaram posse como acadêmicas, Delminda da Silveira e Maura de Senna Pereira.

Tem-se no visionário sacerdote do saber, José Boiteux, um extraordinário homem da cultura, das letras, e da educação de nosso Estado, que nos legou, também, este majestoso silogeu catarinense:

A soberba Casa José Boiteux, / É um templo erguido à vida acadêmica, / Cujas primeiras matérias sistêmicas / Foi o comércio. E ora, está à mercê / Das instituições que a lei prevê / Ser de interesse à história, à cultura / E ao mestre Boiteux, que aqui perdura / Como o patrono supremo do ensino / Em belo busto brônzeo de um divino / Feito à imagem da sua figura.

A Cadeira 16, que passo a ocupar, tem como patrono o Almirante e escritor João Justino de Proença e, como fundador, Horácio Serapião de Carvalho. Desde 1920, época da fundação desta Academia, ela foi ocupada apenas por dois ilustres acadêmicos: Carvalho, seu fundador, e por Alcides Abreu, segundo titular, sendo eu, o terceiro a ocupá-la.

João Justino de Proença (1844-1916), patrono da Cadeira 16, foi militar e jornalista. Coursou a Academia da Marinha do Brasil e como oficial, participou das campanhas do Uruguai e do Paraguai, conquistando promoção hierárquica por seus feitos e, reconhecido herói de guerra, recebeu as condecorações mais altas do Império do Brasil. Quando promovido ao posto de Contra-Almirante, assumiu o cargo de Comandante dos Portos da Ilha de Santa Catarina e equipou os terminais marítimos das Baías Norte e Sul, tanto os da Ilha quanto os do Continente. Em Sambaqui, Proença implantou um sistema de aguada ou de abastecimento de água para embarcações que aqui escalassem ou arribassem, em busca de abrigo e provisões. Como escritor, descreveu todos os portos locais juntando seus textos às cartas náuticas que percorriam o mundo através dos argonautas que navegavam em nossa costa.

Horácio Serapião de Carvalho (1872-1935), fundador da Cadeira 16, foi poeta, jornalista, desenhista e professor. Nascido em Santo Amaro da Imperatriz, mudou-se para Desterro e conviveu com Cruz e Sousa e Virgílio Várzea. Juntos formaram um coeso grupo literário, criador do Jornal Tribuna Popular que objetivava divulgar ideias abolicionistas e republicanas, onde Cruz e Sousa e Horácio editavam os seus belos poemas. Carvalho figura entre os fundadores da Sociedade Catarinense de Letras, antecessora da nossa Academia e, ainda, integrou o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, além de ter participado do grupo de poetas e escritores simbolistas, denominado *Guerrilha Literária*, o qual Cruz e Sousa encabeçava. Horácio de Carvalho é também patrono da Cadeira 10, na Academia de Letras de Palhoça, fundada por sua filha, Carmem Mara Carvalho de Lima, contista, poetisa e cronista.

Alcides Abreu (1926-2015), professor, advogado, economista, filósofo, jornalista e escritor, último ocupante da Cadeira 16, nasceu em Bom Retiro, SC. Despontou como um garoto prodígio desde cedo. Iniciou seus estudos na cidade natal, culminando com formação superior na famosa universidade francesa Sorbonne, de Paris. Destacou-se como professor de Economia e de Direito na UFSC. Depois, assumiu cátedras em várias outras universidades brasileiras, como convidado e concursado, começando por Brasília.

Alcides nunca reprovou em concursos. No início da carreira prestou exames para executivo na empresa americana Shell e passou em primeiro lugar, assumindo o cargo em Salvador, mas imbuído do dever de servir Santa Catarina, voltou a Florianópolis, como conselheiro do Tribunal de Contas do Estado, e mais tarde, diretor do Cooperativismo Catarinense. Foi responsável pelo plano de criação do Besc, Badesc, Celesc e outras empresas e fundações. Idealizou a Secretaria do Oeste e a UDESC, além de trazer o SENAI para Santa Catarina, sendo o seu diretor regional. Como diretor da empresa de telefonia do Estado, Cotesc, Alcides transferiu os ativos dessa para uma nova empresa do governo federal, a Telesc, e passou a dirigi-la, dotando o seu sistema telefônico, imediatamente, com as ligações de discagem direta e as de discagem direta a distância.

Inumeráveis foram os atos desse catarinense que ajudaram a engrandecer nosso Estado, deixando uma infinidade de projetos editados em seus livros.

Além do enorme legado e de tantas qualidades exemplares, Alcides era um espiritualista. Ajudou muitas instituições e obras de caridade, tendo sido dirigente de entidades espíritas, a exemplo da SERTE – Sociedade Espírita de Recuperação, Trabalho e Educação, e da SEOVE – Sociedade Espírita Obreiros da Vida Eterna – no Campeche, abrigo de idosas. Iniciada por seu irmão Hélio Abreu, e que no início das obras, eu tive a oportunidade de ajudar, mantendo ajuda

até hoje, ao asilo. Com o falecimento de Hélio, Alcides assumiu o seu lugar na presidência da casa.

Tenho a honra e ter sido amigo de Alcides, bem como de seus irmãos e sobrinhos, e de ter sido, também, seu pupilo em Ciclo de Estudos da Escola Superior de Guerra, tendo-o como meu orientador. Circunstanciados em viagem que fizemos para estudos ao comércio do norte do país e da recém-criada Zona Franca de Manaus, onde convivemos por um mês, tivemos um acidente aéreo, cuja vivência estreitou nossos laços de afeto e de amizade.

Alcides faleceu em 22 de julho de 2015, aos oitenta e oito anos de idade, deixando a inseparável companheira Ednete Souza Gallotti e três filhas – Márcia, Maria Alsina e Ana Cláudia.

Quando da Sessão de Saudade desse acadêmico nesta casa, em minha página literária, postei texto com crônica e poema narrativo, homenageando o mestre. Texto que veio a integrar a sua pasta biográfica na biblioteca desta Academia, o que bastante me honrou. Aqui, apresento duas estrofes do referido poema, adaptadas ao momento:

ALCIDES ABREU – O IMORTAL

Do amor de Abreu – o Hermundino / *“Unddie Frau”* Elza Kumm, (e da senhora Elza Kumm)
/ Nasce um menino comum. / Mas o processo divino / Quis fazer desse menino, / Certo ser a-temporal /
Dentre imortais, um imortal / Que, de imortal, fez-se eterno! / Receba o preito fraterno /
Teu ente memorial, / Amigo Alcides Abreu! / Não te perdemos de vista! / Tu foste o mais humanista /
Dos seres que o ser meu, / Enlevado, conviveu / Em doce e terna amizade! / A tua lembrança invade /
A alma da Academia, / Onde reflete e irradia / Luz e ecos de saudade...

Quero registrar que estou aqui para suceder ao magnânimo mestre Alcides Abreu, jamais para substituí-lo!... Ocuparei sua cadeira, não a sua cátedra, pois na minha pequenez como seu vassalo mais submisso, não poderia me aproximar de seu colossal pedestal. Imaginem, então, arvorar-me em chegar a seus pés! Porém, hei de honrar a Cadeira 16 com a atenção e o zelo que ela merece à magnificência que tem, dando o melhor de mim; e assim prometo!

Senhoras e senhores coestaduanos! Sendo esta instituição uma entidade pública de todos os catarinenses, devo a vocês também, subsidiariamente, hipotética obediência, e peço-lhes suposta anuência e apoio para o meu ingresso na Academia!

Dias antes da eleição que referendou meu nome, faleceu o Doutor Antônio Carlos Konder Reis, meu amigo e vizinho, irmão de um dos maiores amigos que tive em toda a minha vida – o

escritor Marcos José Konder Reis. Antônio Carlos era acadêmico deste Silogeu, como foram os seus tios Marcos Konder e Adolfo Konder, todos de Itajaí, cidade a qual nasci, pois Penha era, dantes, território dessa cidade.

Quando das exéquias do extraordinário catarinense Konder Reis, das quais participei, muito se comentou na dificuldade de encontrar pessoa à altura do estadista para preencher a vaga na Cadeira 22 desta Arcádia, ocupada ainda por sua memória, bem como à altura dos que o antecederam na mesma cadeira: ex-presidente da República, Dr. Nereu Ramos, Bispo Emérito da Santa Igreja Católica, Dom Joaquim Domingues de Oliveira e ex-presidente do Supremo Tribunal Federal, Dr. Luiz Gallotti. Tais comentários balançaram a estrutura de meu espírito, como postulante que eu era à cadeira do professor Alcides, vulto extraordinário da confraria. Procurei ver o que representaria a minha pessoa diante da egrégia associação de ilustres luzeiros, integrantes da cultura brasileira. Seria eu, um engenheiro construtor de versos, como diz a crítica literária ou, para muitos, apenas aquele menino nascido em sítio ermo de uma humilde colônia de pesca, neto de um pobre pescador artesanal com quem aprendeu a fazer versinhos? Quem seria eu, em minha pequenez, quase rastejante, para alçar voos altaneiros entre aquelas águias? E, submetido à tempestade cerebral intensa, de alma serena e ativa como a alma de um justo diante do seu julgador, uma centelha iluminou-me com a frase do Marquês de Maricá, que aprendi ainda em menino: “Não é dado ao saber humano conhecer toda a extensão de sua própria ignorância”. Então, por lógica, deduzi, de pronto, que se não é dado ao saber conhecer a ignorância, por corolário também não seria dado ao conhecimento do ser aquilatar a capacidade da sua alma, nem a da sua mente. Quem poderá mensurar a própria verve? Ou a sua criatividade anímica? O poder criativo do seu engenho e da sua arte? Cada um é grande ou pequeno na relatividade de seu universo intelecto-cultural, pensei. E concluí, como aprendiz dedicado que sou, ter as condições necessárias e suficientes, no domínio da minha humildade, para fazer parte do sonhado Sodalício.

Sou natural de Armação do Itapocoróy, um lugar mágico, centro baleeiro em nosso litoral, para onde os colonizadores portugueses trouxeram consigo as décimas do cancionero português, que se difundiram tanto em poemas de bendizer quanto em pasquins difamatórios. Meu tio-avô, Inácio de Souza, pai de Cláudio Bersi de Souza, escritor atual com mais de trinta livros editados, compôs algumas delas, as quais meu avô materno, irmão de Inácio, declamava-as. Lembro-me ainda de algumas.

As décimas do cancionero ibero-português estão entre as mais antigas e universais formas poético-literárias, quase atemporais, que tomaram corpo no século XII, em Portugal, com Dom

Dinis – O Rei Trovador. Depois voltaram mais intensas no século XVI, com Luiz de Camões, em seus poemas narrativos, vindo a potencializarem-se atualmente, ao serem resgatadas como forma literária pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, que as catapultou à voga atual, para diversas partes do mundo de línguas portuguesa e espanhola. Minha predileção atávica por essa forma poética fez-me lançar três livros em décimas, tais como as estrofes que compõem este texto.

Armação do Itapocoróy é um pedaço de terra recortado em nossa orla marítima, formando enseada portuária de costas para o Atlântico, com reentrâncias, pontas, promontórios e ilhas, em que o sol nasce por trás das colinas para ter o seu ocaso dentro do mar, a refratar e refletir a luz em feixes de raios luminosos multicoloridos. Um paraíso tão belo que faz qualquer coração empedernido ser capaz de se inspirar em sua beleza e sonhar com a poesia, pois o mar já a declama no seu marulhar ritmado, e com muito brilho, à luz da atmosfera que o estanha em matizes das mais variadas cores que se projetam no horizonte infinito, feito um caleidoscópio astral. Nesse sítio, eu nasci e cresci ouvindo poemas declamados com interpretação, por meu avô materno, um poeta nato que marcou indelevelmente minha alma infantil! Até os sete anos de idade, já teria eu tomado contato com décimas do cancionero português, quadras ao gosto popular, trovas ao desafio, quadrinhas de pão-por-Deus, redigidas em corações de papel de seda, Ternos de Reis, cantigas folclóricas e versos de cordéis dos livrinhos que minha mãe comprava para ajudar um ceguinho violeiro e os lia para mim, porque eu assim gostava. Vivia eu, inundado de versos. Lembro ter ouvido, muitas vezes, o soneto “RAQUEL”, de Luís de Camões (Sete anos de pastor Jacó servia / Labão, pai de Raquel, serrana bela, / Mas não servia o pai / Servia a ela / E a ela só por prêmio pretendia...). Eu ouvia o poema sem entender o seu significado. A criança não tem noção exata do que seja o amor e, por isso, o sentido dos versos para mim era *uma baboseira*. E aqui, abro um parêntese para citar trecho de um poema desse poeta lusitano, que considero os mais belos versos da língua portuguesa, e assim já homenageio a nossa “última flor do Lácio, inculta e bela”, segundo Bilac. São eles: “Se ainda do amor domésticos venenos / Nunca provastes, quero que saibais / Que é tanto mais o amor depois que amais, / Quanto são mais as causas de ser menos”...

Senhoras e senhores, sendo esta academia de letras, e que eu lido há tanto tempo com as letras em projetos, ferramentas e como material das minhas construções literárias, esta casa me parece ser objeto da minha demanda espiritual, como entenderam, também, os preclaros acadêmicos que sufragaram o meu nome em votação. E aqui chego, cheio de vontade à missão de aprofundar o meu trabalho com as letras e não como se chegasse para receber apenas um

título honorífico ou uma láurea, se bem que aceito, com muita honra e gratidão, o galardão que a Academia me confere.

Ao perguntar-me como aqui cheguei, vejo que muitos fatores contribuíram, desde convites e apelos, como os dos fraternos amigos acadêmicos Rodrigo Antônio de Haro, Gilberto Gerlach e João Carlos Mosimann e até, talvez, a certa predestinação de uma suposta profecia feita por meu avô.

O meu avô foi um poeta nato! / A minha alma absorveu seu verso! / Ainda criança, sonhei com um universo, / De quando adulto, ser capaz, de fato, / De buscar na alma o que há de abstrato / E fazer versos do que eu sentiria. / Mesmo seguindo à luz da engenharia, / Nunca deixei de compor meus poemas! / E conduzido por forças supremas / Chego ao regaço desta Academia! // Deixei levar-me, por sentir em sonho, / Certo sinal para cumprir meu fado / Como o de um certo ente assinalado / A um desígnio – é o que eu suponho! / Não me sentindo apto e nem bisonho, / Eu aceitei em cumprir o destino / Sentido na alma; e a mente, por tino, / Fez deste sonho o meu senhor e guia! / E, se desígnio, fez-se a profecia / De um velho sonho do antigo menino!

Antes de devolver a palavra ao senhor presidente que dará sequência a esta solenidade, antecipo um convite que não constou do texto, daquele encaminhado, que será a um brinde ali no vestíbulo ou saguão da casa, juntos a José Boiteux, local para trocas de cumprimentos, aonde nos dirigiremos ao término da sessão.

E já com a festa ao fim do caminho, / A libação será a apoteose: / Mesmo que seja pequenina, a dose, / Mas, por favor, erga uma taça de vinho / Em brinde augusto! Eu não bebo sozinho! / Façamos, juntos, santa libação! / Porque os brindes vínicos estão / Na liturgia de Cristo, que é Deus. / Agradeçamos desígnios Seus / Em ação de graças, numa comunhão!

Muito obrigado!

(Discurso de posse do acadêmico Laerte Sílvio Tavares em sessão solene na Casa José Boiteux, sede da Academia Catarinense de Letras em 18 de outubro de 2018, ao tomar posse na Cadeira 16 da ACL)